

**QUALIDADE DE VIDA E EQUIPAMENTOS URBANOS: PERCEPÇÃO DOS
MORADORES DA CIDADE DE MARINGÁ-PR-BRASIL**
**QUALITY OF LIFE AND URBAN FACILITIES: PERCEPTIONS OF THE
RESIDENTS OF THE CITY OF MARINGÁ-PR-BRAZIL**

Cleres do Nascimento Mansano¹
Maria das Graças de Lima²

RESUMO

Foi realizada uma investigação sobre a percepção do ambiente para alguns moradores de dois bairros de Maringá-PR-Brasil, sendo um de classe média baixa e outro nobre. O objetivo desse trabalho foi interpretar a dinâmica da cidade e dos moradores, bem como investigar as paisagens valorizadas (topofílicas) e as não-valorizadas (topofóbicas). Primeiramente, fez-se o levantamento da revisão bibliográfica sobre o tema. Em seguida, foi realizada a pesquisa de campo utilizando um questionário com questões objetivas e direcionadas. Observou-se que grande parte dos moradores aceita que a cidade apresente boa qualidade de vida, contudo, ao serem analisadas as respostas percebeu-se que essa percepção coletiva é fruto de uma ideia criada pela mídia e que muitas vezes não representa a percepção de vivência dos moradores.

Palavras-chave: cidade; percepção; equipamentos urbanos; qualidade de vida.

ABSTRACT

We had conducted an investigation about the perception of the environment from some residents of two neighborhoods of Maringá-PR-Brazil, being one of a lower middle class and the other from the noble one. The objective of this work was to interpret the dynamic of the city and its residents, as well as investigating the landscape enhancement (topophilia) and non-valued (topophobia). Firstly, it was made the review on the subject. Next, we performed a field survey using a questionnaire with objective directed questions. It was observed that most part of the residents agree that the city has good quality of life, however, when the responses were analyzed it was noticed that this perception is the result of a collective idea created by the media and often does not represent the perception of living of those residents.

Keywords: city, perception, urban facilities, quality of life.

¹ Doutoranda em Geografia pela UEM- Maringá-PR-Brasil. Mestre em Educ. para Ciência e o Ens. da Mat. - UEM. Professora colaboradora da área de Ensino do Departamento de Geografia (DGE -UEM) e do Ensino Básico.

² Doutora em Geografia Humana. Professora do Departamento de Geografia (DGE), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PGE-UEM); área de Metodologia da Pesquisa em Geografia Humana – UEM_Maringá-PR- Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O ponto de partida para ler o mundo pode ser a decodificação da paisagem, que muitas vezes é vista, mas nem sempre é percebida conscientemente. Conhecer a percepção do ambiente é fundamental para identificar os diferentes significados do espaço experienciado para os grupos sociais.

A disposição e forma dos objetos da cidade ou do bairro são carregadas de significações, que vão sendo apreendidas a partir da vivência. Os objetos, por si só, não apresentam significados; são os comportamentos apreendidos que dão forma à distribuição dos objetos e significados a eles, sendo necessário entender as relações existentes entre os símbolos e as relações do ser humano que com eles faz parte do processo de percepção do ambiente.

Tuan (1980) discorre sobre o estudo da percepção do espaço urbano e afirma que este constitui um tema de interesse para a Geografia, uma vez que, possivelmente, na percepção de seus habitantes são refletidos os problemas sociais urbanos, atitudes, desejos e modo de vida.

Del Rio (1996), em um estudo da percepção do ambiente para a intervenção urbanística e a revitalização portuária do Rio de Janeiro, interpretou a percepção como “[...] um processo de interação do indivíduo com o meio ambiente [...]” Embora essas percepções sejam subjetivas para cada indivíduo, admite-se que existam recorrências comuns, seja em relação às percepções e imagens, seja em relação às condutas possíveis (DEL RIO, 1996, p. 3-4).

Quanto à questão de **percepção de qualidade de vida** de um determinado local, torna-se aprendido e legível para as pessoas que ali vivem, pois elas experienciam o espaço de forma mais efetiva. São os moradores que usam com maior frequência as funções do lugar e se relacionam com seus pares, sendo capazes de perceber problemas ambientais, econômicos e sociais não-visíveis para um visitante.

Quanto aos equipamentos urbanos, as vias públicas, os edifícios, as escolas e todos os equipamentos que compõem o cenário urbano devem ser percebidos de forma integral e crítica por quem deles faz uso, com vista ao eficiente exercício de funções como moradia, trabalho, circulação e lazer.

Os equipamentos urbanos dispostos sobre o espaço da cidade e sua quantidade e qualidade interferem diretamente no cotidiano das pessoas. Por meio da análise da percepção que os moradores apresentam em relação a sua disposição, é possível verificar se são

suficientes para o uso comum e se o que os que existem estão preparados adequadamente para sua utilização.

Para Bado (2003 p. 38), há equipamentos públicos que são destinados para o bairro e vizinhança e outros que são destinados à população da cidade. Eles fazem parte da dinâmica urbana e da sua adequada disposição possibilita “[...] a melhoria da qualidade e das condições de vida da população [...]”.

1.1 A CIDADE DE MARINGÁ

A cidade de Maringá, no Estado do Paraná, oficialmente foi criada por meio de planejamento urbanístico elaborado por Jorge de Macedo Vieira. Foi fundada oficialmente em 10 de maio de 1947, como Distrito de Mandaguari e, em 1951, foi elevada à categoria de município.

No dizer de Steinke (2007), o projeto baseou-se no levantamento topográfico realizado pelos técnicos da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, com base nas informações geográficas obtidas (solo, as nascentes e relevo). No projeto, associado à infraestrutura para servir aos seus habitantes, havia presença de vários equipamentos urbanos (praças, parques, escolas) pulverizados pela malha urbana.

Segundo dados da Prefeitura da cidade, o Município de Maringá apresenta uma área de aproximadamente 473.064.190 km² (MARINGÁ, 2011), e, em 2010, contava com uma população de 357.117 habitantes (IBGE, 2011).

É importante lembrar que, até 1995, desenvolveu-se a política de comunicar às pessoas da cidade e fora dela a ideia de “Cidade Verde”, “Cidade Ecológica”. A expressão “Maringá sempre ecológica” está vinculada à beleza, principalmente das árvores eleitas símbolos de preservação, ideia de que a cidade cuida de seu ambiente, o que se legitima como um instrumento de boa qualidade de vida. Esse discurso “ambientalista” ainda seduz seus moradores e visitantes, ocupando espaço significativo nos diferentes meios de comunicação (KIOURANIS, 2001).

Cabe frisar que no espaço geográfico de Maringá, ocorreram transformações significativas nos últimos anos, tanto relacionadas às questões econômicas, em que a cidade transformou-se em um polo comercial, industrial e universitário, quanto na relação de ocupação do espaço. Um exemplo dessa transformação é relatado por Lima (2007, p. 87), que apresenta um estudo sobre as casas de madeira de Maringá (PR), em que a autora constata as transformações nas moradias dos maringaenses e acrescenta “O crescimento urbano

observado na cidade de Maringá, expresso na criação de novos bairros, resultado de inúmeros loteamentos, transformou também a paisagem da cidade. A partir da década de 70, intensificou-se o processo de substituição das casas de madeira”.

Os Shoppings Centers varejistas e atacadistas também têm estimulado e moldado a economia local, atraindo pessoas de outras cidades para as compras, em um movimento que transformou os shoppings em pontos de atração turística. Maringá tem se destacado na moda paranaense, se tornando um polo de confecção no país. O primeiro grande shopping center varejista criado, foi o Shopping Avenida Center em 10 de novembro de 1989. O último foi o Shopping Catuaí Maringá, que foi inaugurado em 18 de novembro de 2010, sendo um empreendimento que se caracteriza por ser o maior da região e fica localizado estrategicamente na saída oeste da cidade.

Quanto aos símbolos topofílicos da cidade, e pautado nos estudos de Tuan (1980, p. 5), pois para o autor: “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal [...]”. Pode-se dizer que a topofilia está relacionada à percepção positiva do ambiente e que os topofílicos são os lugares valorizados. Já a percepção negativa do ambiente é entendida por Amorim Filho (1996, p.142) como topofóbica, isto é, ela conduz a noção de “paisagem do medo”.

Os símbolos topofílicos vão se construindo, e representam a percepção do ambiente de uma determinada coletividade, fazendo parte da sua realidade cultural.

A cidade de Maringá apresenta vários símbolos que são reconhecidos pela população maringaense, os quais alguns são usados como atração turística. Entre os símbolos destacam-se: arborização no centro e nos bairros; Parque do Ingá; as praças, Catedral Nossa Senhora da Glória e as Instituições de Ensino Superior, dentre elas a Universidade Estadual de Maringá (UEM).

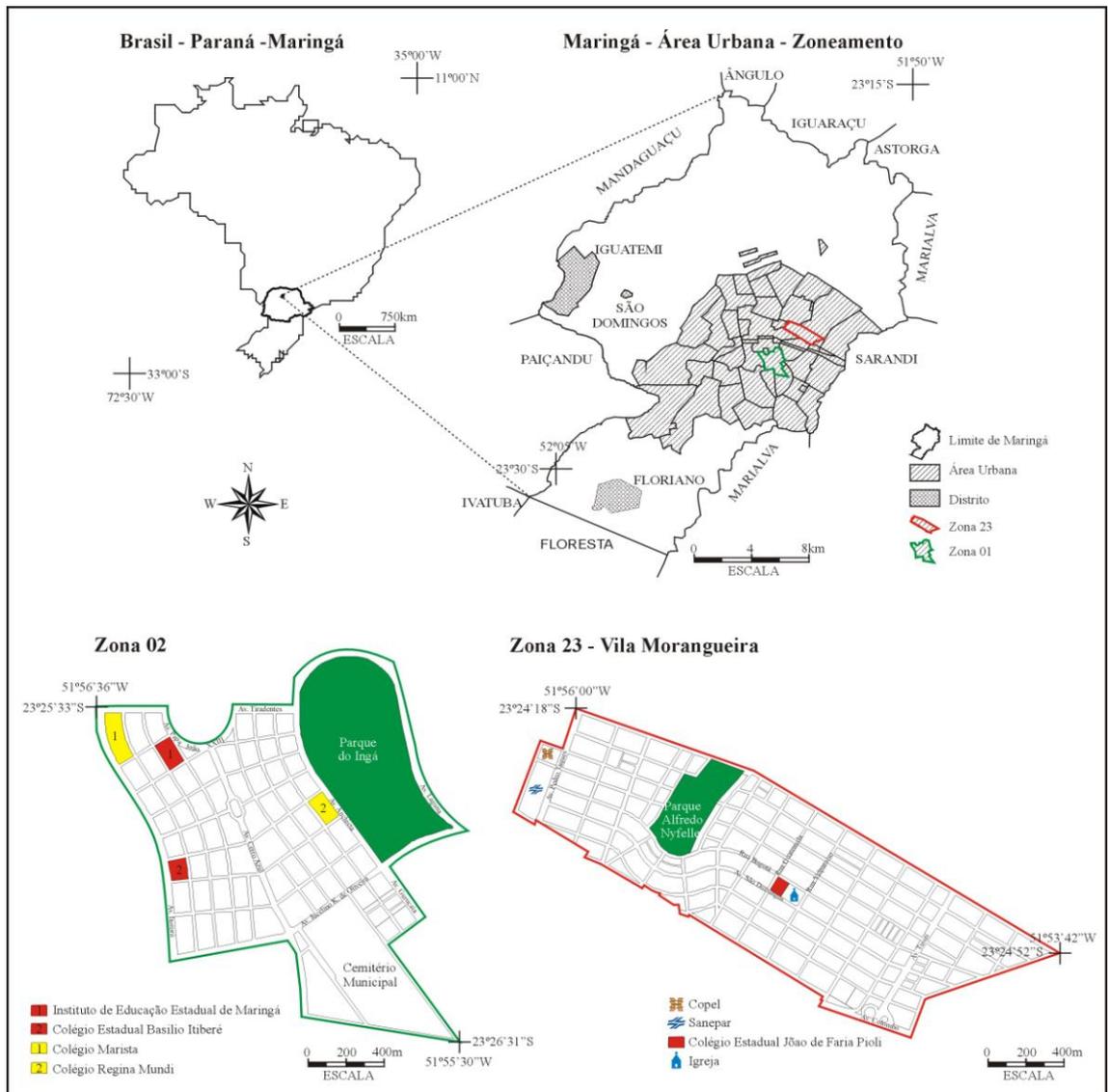
2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS BAIROS

Quanto aos bairros pesquisados, a Vila Morangueira ou Zona 23 (Figura 1), foi fundada em 1961 e é denominada por muitos de “Morangueirinha”. Esse bairro faz parte da microbacia do Ribeirão Morangueiro, cujos fundos de vale se tornaram depósito de lixo para muitos moradores. Naquele bairro de classe média baixa moram aproximadamente 12.196 habitantes (BARONE; CORRÊA; VILLALOBOS; LIMA; RUBIM; GOMES, 2004).

A Zona 2, no Plano Piloto de Maringá, foi destinada às residências e assim formou um bairro nobre, uma vez que o espaço destinado aos operários ficou nos limites da Zona 3. Sua localização é privilegiada, uma vez que faz limite com a Zona 1, área central (Figura 1). Segundo o censo demográfico de 2000, no bairro moram aproximadamente 5.866 habitantes (BARONE; CORRÊA; VILLALOBOS; LIMA; RUBIM; GOMES, 2004). Lá se destacam alguns símbolos da cidade como a Catedral e a Praça da Catedral.

Figura 1- Localização da área de estudo.



Fonte: Maringá, 2010. Organização: Mansano, Cleres do N.

2.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Quanto à amostragem da população pesquisada, esta pesquisa teve respaldo nos estudos Barbetta (1994). O cálculo foi feito a partir do tamanho da população de Maringá, que segundo o censo de 2000, era de 283.794. A amostragem foi calculada em 400 pessoas. Para a pesquisa, foi considerada a população de cada bairro pesquisado e por regra de três simples foi obtida a amostragem necessária, ou seja, oito pessoas na **Zona 2**, o que corresponde a 2,06% e 17 pessoas na **Vila Moranguieira – Zona 23**, o que corresponde a 4,29 da população maringaense.

A opção metodológica de utilização de questionário visa ao levantamento de dados quantitativos e análises qualitativas (MARANGONI, 2005). Os questionários foram aplicados aos responsáveis pelos alunos, que intermediaram a pesquisa.

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a percepção do ambiente e a dinâmica da população em relação à paisagem da cidade, em especial, as consideradas topofílicas, bem como a percepção sobre a qualidade de vida, considerando a disposição dos equipamentos urbanos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 OS LUGARES VALORIZADOS E NÃO-VALORIZADOS NA CIDADE

Na perspectiva de interpretar os lugares valorizados e os não-valorizados pela população, foi questionado sobre os elementos contidos na paisagem que mais e menos gostavam em Maringá. Os elementos foram agrupados, sendo:

Elementos valorizados	%	Elementos não-valorizados	%
Arborização	32	Segurança	40
Planejamento	4	Trânsito	36
Seres humanos	4	Seres humanos	8
Símbolo topofílico: igreja	12	Símbolo topofílico: Parque do Ingá	4
Moradia	4	Saúde pública	4
Comércio	4	Áreas de lazer	4
Qualidade de vida	12	Transporte público	4
Reservas Florestais	4		
Pontos turísticos	4		
Topografia	4		
Arruamentos	4		
Resposta vaga	12		
TOTAL	100	TOTAL	100

Quadro 1 – Percepção dos lugares valorizados e não-valorizados da cidade.

Quanto aos elementos valorizados na paisagem da cidade (topofílicos), percebe-se que afloraram três elementos em especial: a arborização 32%, o símbolo topofílico: igreja e a qualidade de vida 12%. Como resposta vaga (12%), foi considerada a palavra **tudo**, uma vez que se torna inviável compreender a percepção do respondente.

Nas respostas, na percepção topofílica, foi considerada a presença dos seres humanos, em 4%, sendo lembrados pela questão social, vale ressaltar que esse elemento somente surgiu na percepção dos moradores da Zona 2.

Os elementos comuns percebidos foram os símbolos topofílicos da cidade. Entretanto, as igrejas foram representadas em 12% dos elementos valorizados e o Parque do Ingá foi percebido somente por 4% dos pesquisados.

Quanto aos elementos não-valorizados na paisagem da cidade (topofóbicos), somente dois elementos em especial foram destacados: **a segurança 40% e o trânsito 36%**.

Quanto aos dois primeiros elementos percebidos na paisagem topofílica, é justificada pelo aumento de número de violência que vem ocorrendo na cidade e representa o desagrado da maioria dos maringaenses. Em especial, a questão do trânsito tem deixado muitos moradores apreensivos. As notícias comunicadas pela mídia são sempre alarmantes e reveladoras da situação-problema enfrentada pelos moradores, como publicada em 13/7/2010 em um jornal on-line da cidade, com o título “**Mortes no trânsito neste ano superam 2009 inteiro**” e conteúdo “[...] De janeiro até ontem, 60 pessoas morreram vítimas de acidentes, duas a mais do que no ano passado inteiro. A média em 2010 é de um óbito a cada 72 horas” (CARVALHO, 2010).

Uma das explicações para o aumento do número de acidente em Maringá é justificada pelo aumento da frota. O Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) e os Departamentos de Trânsito de cada Estado (Detran), no caso do Paraná é o Detran-PR, apresentam mensalmente dados estatísticos sobre as frotas³ dos Municípios. Em um mapeamento publicado recentemente pelo Denatran, apresenta Maringá e Curitiba, que é a capital do Estado do Paraná, entre os Municípios do Brasil que mais possuem veículos por cada 100 habitantes. Maringá é colocada em terceiro lugar, com 68,5 e Curitiba em sexto, com 65,4. Com relação ao Paraná, Maringá é a primeira.

³ O Denatran e os Detrans realizam estatísticas relacionadas ao trânsito. Para a estatística das frotas, a base é veículos cadastrados em cada município e consideram os diferentes veículos: DENATRAN (automóvel, bonde, caminhão, caminhão trator, caminhonete, caminhoneta, Chassi plataf, ciclomotor, micro-ônibus, motocicleta, motoneta, ônibus, quadriciclo, reboque, side-car, outros, trator, trator roda, triciclo e utilitário).

Com relação aos acidentes, observa-se que aumentou muito nos últimos dois anos. Em 2008, houve em Maringá 6.886 acidentes com 21 mortes e já no primeiro semestre de 2010 havia superadas as mortes ocorridas nos anos de 2008 e 2009 (POR VIAS SEGURAS, 2010). O título da reportagem de um jornal local do dia 07 de agosto de 2010, referente ao aumento de mortes no trânsito maringaense demonstra bem esse fenômeno “Vai para 69 número de mortes no trânsito (MUNHOZ, 2010, p.1)”. Esse fato foi representado nas percepções de 40% dos moradores pesquisados.

3.2 QUALIDADE DE VIDA

Na percepção sobre qualidade de vida, é importante a forma como o ser humano interage com o mundo, a vivência do ser humano com a paisagem (espaço) viva. Considerando que todos os pesquisados são moradores de Maringá e que vivenciam o espaço com seus problemas cotidianos, 52% a perceberam como uma cidade que apresenta uma boa qualidade de vida. Entretanto, 24% perceberam a cidade como regular, ou seja, necessita de cuidados especiais em determinadas áreas.

O fato de 76% dos entrevistados perceberem a cidade como boa ou regular é reflexo da mídia, como algumas revistas nacionais, que nos últimos anos vem apresentado reportagens sobre Maringá e a apresentado como uma das melhores cidades para se viver no País. Como é o caso de algumas reportagens da Revista Veja, como é o caso do recorte a seguir (VEJA, 2010):

- **11 de março de 1998** - número 1537 – Título da reportagem: **A BOA VIDA NO INTERIOR/ Em busca de tranquilidade**, 41% dos brasileiros querem distância das metrópoles - apresenta Maringá como uma cidade que deu certo e um polo de atração populacional, tendo com ponto forte a pecuária intensa e forte produção de soja, a Universidade Estadual de Maringá e A média de área verde por habitante é de 25,65 metros quadrados, uma das mais altas do país, quase o dobro da de Curitiba;
- **23 de julho de 2008** - número 2070 – Título da reportagem: **Quarenta cidades campeãs - no quesito qualidade de vida**, Maringá é apresentada como cidade mais segura do país.

Para Bassani (2001), “[...] o conceito de qualidade de vida incorpora as percepções da pessoas perante o seu ambiente [...]”. Dependendo do conjunto de fatores que envolvem a percepção a pessoas pode conhecer o ambiente e se defrontar com situações incompreendidas, assim, cada ser humano pode eleger fatores diferentes na avaliação da qualidade de vida.

Em nossa pesquisa ficou claro que nem todos percebem de forma igual as condições de vida da cidade e dos seus respectivos bairros, como sendo ótima, solicitamos que citassem

duas coisas que faltam para melhorar a qualidade de vida da cidade e/ou do bairro. São elencados os diferentes itens citados, sem a preocupação com as vezes que foram repetidas: **Zona 2:** saúde, trânsito, segurança e área de lazer; **Vila Morangureira (Zona 23):** segurança, cuidado com os parques, calçadão no centro, sinalização no bairro, reformar o terminal de ônibus, hospital, trânsito, barulho, saúde, lotérica, retirar os andarilhos, revitalização, áreas de lazer, comércio, cuidar das pessoas da terceira idade, patrulhamento e conscientização.

A população da Vila Morangureira, ou seja, do bairro de classe média baixa que percebe a falta de qualidade de vida, uma vez que para 11,7% da população o bairro apresenta ótima qualidade de vida e para 52,9% o bairro apresenta boa qualidade de vida. Já para os moradores do bairro nobre (Zona 2), 12,5% consideram que local apresenta ótima qualidade de vida e 62,5% percebem o bairro como apresentando boa qualidade de vida.

3.3 PERCEPÇÃO EM RELAÇÃO AOS ESPAÇOS TOPOFÍLICOS DA CIDADE

3.3.1 A arborização

A percepção da arborização maringaense como paisagem topofílica surgiu na década de 1980, sendo considerada como símbolo de qualidade ambiental e de vida. Em 1983, o governo municipal incluiu nos currículos escolares a disciplina de Ecologia e lançou uma campanha publicitária, com premiação, para escolher um slogan que representasse o verde da cidade, sendo que a frase vencedora foi “Maringá: coração verde do Brasil” (DE PAULA, 1999, p. 412). Desde então, a mídia vem comunicando a cidade como ecológica, uma vez que tanto moradores como visitantes valorizam o verde e o inclui no imaginário ecológico.

Quando questionados sobre quais as duas coisas que lhes vinham à cabeça sobre a arborização das ruas maringaenses, os principais elementos apresentados na percepção ambiental em relação à arborização são: Zona 2, o verde e as flores e na Vila Morangureira o verde e a beleza, que foram referidas com palavras como **linda e bonita**.

Entretanto, alguns elementos foram percebidos como negativos, como a falta de manutenção. Esse fato é constatado como um dos problemas que a população percebe em relação à arborização, são as quedas de árvores, principalmente em dias chuvosos, pois algumas árvores estão envelhecidas, ou doentes, pois embora há muitas árvores, faltou planejamento da arborização.

Também foram citadas as folhas, que para alguns moradores são percebidas como um problema uma vez que sujam as calçadas e carros. E que sem destino correto acabam por entulhar as bocas de lodo.

3.3.2 Parque do Ingá

O Parque do Ingá (Figuras 2 e 3) foi inaugurado e aberto à visitação pública em 10 de outubro de 1971. É um importante cartão postal da cidade, ou seja, um símbolo topofílico, atraindo pessoas de todas as regiões que buscam apreciar sua natureza exuberante e representa um forte ponto turístico. Ele promove interação entre a comunidade e gera economia para a cidade. Conforme o Plano de Manejo do Parque do Ingá (MARINGÁ, 1994, p. 31), ele “é motivo de orgulho dos maringaenses e ponto de visita obrigatório para os turistas que passam pela cidade”.

O parque destaca-se por sua significância e por sua condição de privilegiado remanescente da floresta estacional semidecidual, típica do Norte do Paraná (IBGE, 1992). Pela sua localização urbana com valor inestimável à estabilização do microclima da cidade onde se insere sua especial condição de acesso, sua função de espaço para recreação ao ar livre e em contato com a natureza.

Atualmente, no lado de fora do Parque do Ingá, há uma Academia da Terceira Idade (ATI⁴), um conjunto de equipamentos instalados pela Prefeitura do Município em vários pontos da cidade.



Fig. 2: Foto da reserva florestal do Parque do Ingá. Fonte: Maringá (2011).



Fig. 3: ATI na parte externa do parque. Fonte: Os autores.

O Parque está interdito à visitação pública desde o mês de abril de 2009, em virtude da morte de alguns macacos no seu interior, que a princípio as mortes tiveram a suspeita de febre amarela, mas foi descartada essa hipótese, conforme laudo emitido pela Secretaria de

⁴ ATI (Academia da Primeira Idade) e API (Academia da Primeira Idade) são equipamentos urbanos de material metálico para a prática de exercícios físicos e brincadeiras, instalados ao ar livre e localizados perto de Unidades Básicas de Saúde. Atualmente, entre ATIs e APIs, existem 46 academias.

Estado de Saúde do Paraná. Desde então, o Parque continua fechado, pois no seu interior está sendo realizada a revitalização do local. Entretanto, as obras estão atrasadas, pois as primeiras informações são de que seriam concluídas no final do mesmo ano.

Quanto aos questionamentos, questionaram-se as duas coisas que lhes vinham à cabeça sobre o Parque do Ingá, vários elementos foram percebidos. Entre os principais, apresentou-se na percepção do ambiente a fisionomia, destacando-se: **Zona 2** – as árvores, a pista de caminhada, o lazer e o turismo como os elementos valorizados e o abandono, falta de administração e o fato de estar fechado como elementos não-valorizados; **Vila Morangueira - Zona 23** – as árvores, os animais, turismo, a memória, o lazer, o bem-estar, as visitas, o lago e a beleza, como elementos valorizados e abandono, necessidade de reforma e o fato de estar fechado como elementos não-valorizados.

3.3.3 As praças

Foi perguntado aos entrevistados se conheciam as praças próximas de sua casa, respectivamente na **Zona 2** – Praça Catedral e **Vila Morangueira-Zona 23** – Praça Sagrado Coração de Jesus. Em ambos os bairros 100% afirmaram conhecer.

Com relação à **fisionomia das praças**, no Quadro 2 são evidenciados os principais elementos, que se apresentaram na percepção dos pesquisados:

Bairro	O que mais gosta	O que menos gosta	Para que serve
Zona 2	Vegetação e Igreja	Marginalidade e bagunça	Lazer e turismo
Vila Morangueira	ATI e igreja	Usuários de drogas e falta de policiamento	Lazer e encontro

Quadro 2 – Principais elementos evidenciados sobre a fisionomia das praças.

Em relação à percepção dos moradores em relação ao que mais gosta de praça do bairro em que mora, nos dois bairros a igreja foi apresentada como um símbolo topofílico e que agrada aos moradores. Entretanto, na Zona 2, a vegetação foi valorizada e na Vila Morangueira um equipamento urbano, que é a ATI (Figura 4), uma vez que esse equipamento não existe na praça da Zona 2.

Quanto ao que menos gosta sobressaiu, nos dois bairros pesquisados, a percepção da insegurança, como falta de policiamento e pessoas que utilizam a praça, assim, como outros espaços públicos, para consumo de drogas, dividindo esse espaço com as famílias que acabam por questões de segurança deixando de frequentar e perdendo esse espaço de lazer.

Quanto à serventia da praça, os moradores há em comum a percepção de que é um espaço de lazer e difere na questão de que na Vila Morangueira é vista como um lugar para encontro e na Zona 2 como turismo. A diferença de percepção está relacionada com a três questões, a primeira referente à falta de outros espaços de lazer, no bairro de classe média, tais como clubes e porque a maior parte dos espaços de lazer da cidade é pago, tais como cinema. A última razão está no fato de que o reconhecimento da praça da Zona 2 ser percebida como turismo, refere-se ao fato de que é a praça em que está localizada a Catedral Menor de Nossa Senhora da Glória, reconhecida como um símbolo topofílico e por consequência como um ponto turístico.

3.4.4 Catedral Menor de Nossa Senhora da Glória

A Catedral Menor Nossa Senhora da Glória é um monumento arquitetônico reconhecido nacionalmente e internacionalmente (Figura 5):



Fig. 4: ATI da Praça da Vila Morangueira. Fonte: Os autores.



Fig. 5: Catedral Menor Nossa Senhora da Glória. Fonte: Maringá (2011).

Sendo que:

[...] é a mais alta catedral da América Latina. [...] De forma cônica, possui um diâmetro de 50 metros e uma nave única, circular, com diâmetro interno de 38 metros. O cone possui uma altura externa de 114 metros, sustentando uma cruz de 10 metros, perfazendo um total de 124 metros de altura. Sua capacidade é de 3.500 pessoas, que podem ser distribuídas em duas galerias internas superpostas (CATEDRAL, 2011) .

Quando questionados sobre quais as duas coisas que lhes vinham à cabeça sobre a **Catedral Menor de Nossa Senhora da Glória**, vários elementos foram percebidos pelos moradores, destacando-se: **Zona 2** - arquitetura, fé, o turismo, como ponto de referência da cidade, sua conservação e vegetação próxima; **Vila Morangueira-Zona 23** – Chafariz, decoração natalina, turismo, conservação, beleza, localização, arquitetura (altura e tamanho), lazer, jardinagem, verde, praça e Deus.

Na percepção dos pesquisados sobressaiu alguns fatores importantes, como a decoração natalina (Moradores da Vila Morangueira), que é um lazer para essa população que sai de seu bairro na época natalina para ver a igreja enfeitada. A representação desse elemento como lazer, reflete a questão econômica da população, que não dispõe de muitos espaços públicos ou recursos para pagar.

A fé e Deus também foram percebidos pela população pesquisada. Nesse aspecto, Tuan (1980, p.168), analisando os lugares sagrados, apresenta a Igreja como carregada de semiose.

3.5.5 Universidade Estadual de Maringá

As Instituições de Ensino Superior têm ao transformar a economia local tornou a cidade um polo de Ensino Superior na região, ou seja, um centro de estudos científicos, em especial a Universidade Estadual de Maringá (UEM), que está organizada pelo Estado em: seis campus, uma fazenda experimental, uma base avançada de pesquisa e um centro de pesquisa em piscicultura e “Atualmente, oferece 52 cursos de graduação, 93 de especialização, 28 de mestrado e 12 de doutorado” (UEM, 2009).

Mota (2009, p. 95) faz considerações sobre a multiplicação das instituições de Ensino Superior na cidade de Maringá e afirma que o fenômeno transformou o espaço geográfico do Município. Segundo o mesmo autor, além da UEM, a partir do ano de 1990 foram criadas mais nove instituições “o que trouxe múltiplas transformações no espaço urbano de Maringá”.

Quanto à questão econômica e valorização imobiliária do espaço, Giménez (2009, 42) relata que “os campi universitários valorizam a terra”. Entretanto, não é só a questão imobiliária que foi transformada, o mesmo autor relata ainda que os impactos sociais também são amplos, que em especial no caso da UEM, existe interferência na economia local entre os períodos de férias e o letivo e que o período do vestibular movimentava economicamente a cidade.

Quando questionados os entrevistados sobre quais as duas coisas que lhes vinham à cabeça sobre a Universidade Estadual de Maringá (UEM), alguns elementos sobressaíram: **Zona 2** - a boa qualidade de ensino, estudantes e o descuido; Vila **Morangueira-Zona 23** – salas de aula, tecnologia, extensão, segurança, vegetação, a qualidade de ensino, os cursos oferecidos, o gasto com ensino, a localização, a falta de cuidados e a percepção de ser o símbolo de futuro para as pessoas.

Dentre os aspectos que foram percebidos pela população, alguns chamam a atenção, como a questão da universidade ser considerada por ambos os bairros pesquisados como símbolo de boa qualidade de ensino.

Segundo o levantamento de dados entre os pesquisados na Zona 2, 87,5% têm o Ensino Superior completo ou incompleto, já na Vila Morangueira apenas 5,8% têm o ensino superior. Esse dado demonstra bem a percepção dos moradores da Zona 2 em perceberem elementos como o descuido da universidade, pois são eles quem mais utilizam e o fato da população da Vila Morangueira perceber a universidade como um fator de gasto, pois para eles que são a minoria a entrarem para uma universidade, ainda quando entram se deparam com o custo em manter, mesmo sendo público o ensino, os custos cotidianos acabam sendo um problema para essas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção apresentada pela população maringaense é de que a cidade apresenta boa qualidade de vida, mas não para todos, pois os bairros nobres embora não tenham todos os equipamentos urbanos à sua disposição ou em estado adequado para o uso, essa população pode e, muitas vezes, prefere pagar, uma vez que a qualidade dos serviços urbanos ou da infraestrutura não satisfaz totalmente seus anseios. Entretanto, os bairros de classe média baixa ou os bairros mais carentes necessitam utilizar os equipamentos urbanos, mas nem sempre eles satisfazem, pois só o fato de existirem não pode agregar valor à qualidade de vida dos maringaenses.

Se Maringá é considerada ecológica pela mídia, pela população ainda há muito que se fazer, pois só o fato de ter áreas verdes ou arborização não garante a qualidade de vida ambiental, como percebido pela população os espaços verdes estão maus conservados, de difícil acesso e, muitas vezes, estão fechados para o uso público, como é o caso do Parque do Ingá.

Alguns problemas são apresentados pela população como urgente para serem resolvidos, entre eles a questão da segurança e do trânsito, que refletem a má qualidade de vida da coletividade. Não concluindo, mas fazendo algumas considerações, a cidade de Maringá apresenta sim boa qualidade de vida em alguns lugares e para algumas pessoas, ou seja, para aquelas que podem pagar pelo serviço que deveria ser prestado para todos e com qualidade.

Vale lembrar, ainda, que o estudo da percepção do ambiente urbano representa um dos instrumentos indispensáveis para a apreensão das relações entre o ser humano e a natureza, bem como uma ferramenta auxiliar no planejamento da cidade, com a finalidade de oferecer melhor qualidade de vida aos seus moradores.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O. B. Topofília, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Ed. da UFSCar, 1996. p. 139–152.
- BADO, S. R. de L. **Morfologia urbana e dinâmica sócio-espacial na cidade de Ijuí/RS**. 2003. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, UEM, Maringá, 2003.
- BARBETTA, P. Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis: UFSC, 1994.
- BARONE, Alexandre C.; CORRÊA, J. C.; VILLALOBOS, Jorge G.; LIMA, M^a das Graças; RUBIM, Paulo H.; GOMES, Telma M. (Org.) **Atlas Social de Maringá: Caracterização socioeconômica da pobreza**. Maringá/PR: Editora Clichetec, 2004.
- BASSANI, M. A. Fatores psicológicos da percepção da qualidade ambiental. In: MAIA, N. B.; MARTOS, H. L.; BARRELLA, W. (org.), **Indicadores Ambientais: conceitos e aplicações**. São Paulo: EDUC/COMPED/INEP, 2001.
- CARVALHO, Luiz de. Mortes no trânsito neste ano superam 2009 inteiro. **Odiário.com**, Maringá, 13 julho 2010. Disponível em: < <http://www.odiario.com/maringa/noticia/>>. Acesso em: 24 julho 2010.

GLÓRIA, Catedral Nossa Senhora da Glória. **Catedral**. (Desenvolvido por ID3D Panoramas e Simulações). Disponível em: <<http://www.id3d.com.br/portfolio/catedr>>. Acesso em: 10 fev 2011.

DEL RIO, Vicente. Cidade da mente, cidade real: percepção e revitalização da área portuária do RJ. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Ed. da UFSCar, 1996. p. 3–22.

DE PAULA, Z. C. Verde que te quero ver-te. In: DIAS, Reginaldo B.; GONÇALVES, José H. R. (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM, 1999. P. 407-428.

GUIMÉNEZ, H. M. M. O processo de verticalização do novo centro de Maringá. In: MENDES, C. M.; TÖWS, R. L.. **A Geografia da verticalização urbana em algumas cidades médias no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2009. P. 33-57.

IINSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA (IBGE). **Cidades: Paraná/Maringá**. Apresenta dos dados do censo de 2000 da cidade de Maringá - Paraná. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat> > Acesso em: 04 fev. 2011.

_____. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro, 1992.

KIOURANIS, Neide Maria Michellan. **Educação e percepção ambiental: estudo com alunos do ensino médio**. 2001. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Instituto de Química, Instituto de Física, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LIMA, M. das G. de. Um estudo geográfico sobre as casas de madeira em Maringá- PR. In: **Boletim de Geografia (UEM)**. v. 25, p. 81-93, 2007.

MARANGONI, A. M. M. C. Questionários e entrevistas algumas considerações. In: VENTURI, L.A.B. (org.) **Praticando Geografia – técnicas de campo e laboratório**. São.Paulo: Oficina de Textos, 2005.

MARINGÁ. Prefeitura do Município de Maringá. **Geo Maringá equipamentos**. SEPLAN – Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, 2010.

_____. **Apresenta dados gerais sobre o Município**. Disponível em: <<http://www.maringa.pr.gov.br>>. Acesso em: 04 jan. 2011.

_____. **Plano de manejo do Parque do Ingá**. Maringá, 1994.

MARINGÁ, Universidade Estadual de. **Histórico**. 2009. Disponível em: <<http://www.uem.br/index.php?Itemid=205&id=55&option>>. Acesso em: 10 set 2009.

MOTA, A. A. da. A Geografia do Ensino Superior: considerações teóricas e o estudo de caso da cidade média da Maringá – PR. In: MENDES, C. M; TÖWS, R. L. **Geografia urbana e temas transversais**. Maringá: EDUEM, 2009. P. 85 -112.

MUNHOZ, V. Mapa do crime: número de ocorrências aumenta 365 em 2010. **O Diário do Norte do Paraná**, Maringá, 07, agosto 2010. Zoom, p. 1; 3.

POR VIAS SEGURAS. Disponível em: <http://www.vias-seguras.com/os_> . Acesso em: 01 ago 2010.

STEINKE, Rosana. **Ruas curvas versus ruas retas**: a trajetória do urbanista Jorge de Macedo Vieira. Maringá: Eduem, 2007.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VEJA, Revista. **Resultado da busca**. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado>>. Acesso em: 01ago 2010.